

RUBEM BRAGA

COM DESENHOS DE CARLOS THIRÉ



Os meninos e a praia

Os cariocas têm preconceito de inverno; assim como algumas senhoras se julgam obrigadas a usar peles, quase todo mundo pensa que não deve ir à praia. Temos tido uma série de dias lindos, com a água do mar a uma temperatura aceitável e um sol esplêndido, muito mais gostoso que aquele sol de verão, violento e mal educado, que faz frigir os miolos dentro da cabeça. Esta última semana de junho, seria em qualquer outro país do mundo, uma gloriosa semana de sol, convidando a todas as aventuras tranqüilas da areia e do mar. E fica todo mundo encafuado em casa, fazendo inverno.

Todo mundo não. Porque chegou julho com suas férias, e as crianças alegremente tomaram conta da areia. Parecia manhã de festa em Ipanema. Iam surgindo grupos de meninos e meninas, mocinhos e mocinhas, trazendo petecas, bolas e raquetes, tábuas de jacaré, pés de pato, óculos de mergulhar, na grande alegria colorida das férias. Adeus, latim e matemática: vossas declinações e problemas serão suavemente esquecidos entre a espuma-rada e a água azul, na imensa doçura da vadiação. Nunca tive tanta pena dos meninos pobres, dos que, desde o começo, são obrigados a trabalhar de algum jeito para ter o que comer no seu barraco triste, como nestá manhã luminosa em que os outros, livres da tortura das provas escolares, eu os vi chegando à praia em grupos, a rir, a falar alto, senhores do mar e do mundo, senhores do sol e da vida. Mesmo que amanhã um destino clemente dê uma vida melhor a um desses pequenos párias de nossos morros e praias do pinto, quem lhes pagará jamais estas manhãs livres que eles perderam, essa festa de pureza e de liberdade a que os outros foram e eles não puderam ir. Os homens, que se danem; eles que agüentem o tranco da vida, de coração amargado e cabeça baixa; mas as crianças, é insuportavelmente doloroso pensar em crianças roubadas nas grandes, nas simples e profundas alegrias de infância, tesouro que ninguém jamais lhes poderá devolver.

Eu tive uma infância e feliz, nos morros, nos córregos, no rio e no mar de minha terra; sem o mínimo sinal ou pensamento de luxo, mas tendo sempre comida para comer, camisa limpinha para mudar, com fazenda nas férias do inverno e praia nos meses de verão. Talvez isso tivesse aumentado o choque recebido depois, quando fui obrigado a ver a cara mais feia da vida.

Mas, os primeiros golpes ruins que me vieram já pegaram um rapaz de 16 anos; minha infância ficou para sempre como um país de alegria aonde posso voltar a qualquer instante, entre árvores e ondas, para me consolar.

Vendo passar nesta manhã de sol, êsse menino que leva pensamente os embrulhos de um armazém, enquanto os de sua idade estão vadiando na areia — eu sinto uma pena imensa, vontade de chamar o guarda, chamar o senhor de óculos, chamar todas as autoridades do mundo e gritar que isso é um crime, que isso não pode, não deve ser assim.

A POESIA É NECESSÁRIA

EL NIÑO SOLO

GABRIELA MISTRAL

*Como escuchase un llanto, me paré en el repecho
y me acerqué a la puerta del rancho del camino.
Un niño de ojos dulces me miró desde el lecho,
y una ternura inmensa me embriagó com un vino!*

*La madre se tardó, curvada en el barbecho;
el niño al despertar, buscó el pezón de rosa
y rompió en llanto... Yo lo estreché contra el pecho,
y una canción de cuna subió temblorosa...*

*Por la ventana abierta la luna nos miraba.
El niño ya dormía, y la canción bañaba,
como otro resplandor, mi pecho enriquecido...*

*Y cuando la mujer, trémula, abrió la puerta,
me vería en el rostro tanta ventura cierta,
que me dejó el infante en los brazos dormido!*

